

Ame ou deixe o ciberespaço

Beatriz Becker

Marcos Henrique Lima

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o potencial e os desafios da apropriação da convergência midiática no exercício do jornalismo, especialmente no web-jornalismo audiovisual. Duas questões importantes e complementares sustentam esta reflexão. A primeira é referente ao valor e aos efeitos das novas tecnologias na atualidade, discutindo três conceitos importantes: conexão, convergência e interatividade. A segunda é a possibilidade de reafirmar o valor do jornalismo como forma de conhecimento na contemporaneidade, ressaltando a viabilidade de experiências produtivas mais comprometidas com a qualidade do que com a quantidade de informações transmitidas e acessadas.

Palavras-chave:

Webjornalismo audiovisual, Conexão, Convergência, Interatividade

Abstract

This paper proposes an analysis of the potential and challenges of the appropriation of media convergence in the practice of journalism, especially audiovisual web journalism. Two major complementary questions support this investigation. The first one refers to the value and the effects of new technologies, discussing three major concepts: connection, convergence and interactivity. The second is the possibility to restate the value of journalism as a means to knowledge in contemporary days, highlighting the viability of productive experiences, more committed with quality than with the volume of transmitted and accessed information.

Key words:

Audiovisual webjournalism, Connection, Convergence, Interactivity

Conexão, convergência e interatividade

Celebramos as novas tecnologias e a sociedade da informação ou acusamos a internet e a globalização de usurpadoras de tradições e de valores éticos, que mau ou bem, serviam como referências nas sociedades complexas. As novas tecnologias associadas ao processo de globalização intervêm nos modos de produção e na percepção da realidade social e cultural e no ritmo do nosso cotidiano, nos exigindo rápidas atualizações, novas socialidades e intersubjetividades nas relações profissionais e afetivas. Adapte-se ou fique excluído do mundo digital em todo planeta. Esta é a sentença da contemporaneidade. Ame ou deixe o ciberespaço. Não há escolha. A conexão universal via internet é um fato consolidado e imutável. Mas, a revolução da informação não promoveu o crescimento material e cultural de todos os países atingidos pela sua influência. Talvez seja possível estabelecer, na vida social, uma interação e uma apropriação das tecnologias digitais e de seus efeitos de modo menos passional e mais descentralizado. Talvez não.

Conexão é a palavra que determina o atual estágio da sociedade de informação, iniciada com a popularização da internet na década de 80 e radicalizada com a computação sem fios. Agora, em pleno século XXI, com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias nômades (*laptops, palms, celulares*), o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade (Lemos, 2004: 1), ou seja, a máquina móvel pessoal serve apenas para conectar o indivíduo ao “verdadeiro” computador, à grande rede, de qualquer lugar e a qualquer momento, estabelecendo novos questionamentos de conceitos como proximidade, distância e mobilidade, fronteiras

A mobilidade tecnológica impõe uma flexibilização na organização social, não garantindo, porém, processos efetivos de comunicação

tênuas entre os espaços públicos e privados, e modificando o cotidiano dos cidadãos nas grandes cidades. As tecnologias móveis passam a fazer parte das paisagens urbanas, instituindo o que Lemos caracteriza como “um tipo eletrônico de nomadismo” (Lemos, 2004: 2), que emerge gradualmente de forma desorganizada, mas irresistível, na extensão da cobertura wireless numa escala global.

A conectividade permanente com a internet e os telefones celulares, e a possibilidade de acesso a múltiplos sites, chats e blogs, e a criação de novas redes geram a troca instantânea de mensagens de territórios físicos e simbólicos desconhecidos, uma avalanche de informações que passam a circular na web, num fluxo contínuo. A mobilidade tecnológica impõe, inclusive, uma flexibilização na organização social, com papéis intercambiáveis, menos rígidos, porém, mais fluidos, não garantindo, porém, processos efetivos de comunicação, baseados na partilha de experiências e conhecimentos e na busca do entendimento mútuo, através da linguagem e do diálogo entre pessoas engajadas em ações comuns. Ao contrário, favorece a idéia da possibilidade de um controle pessoal e autoritário sobre os processos de comunicação, centralizados no eu, que não estimulam a busca do convívio e do bem-estar do outro ou uma coexistência enriquecedora sustentada pela compreensão, alimentando o desejo da ubiquidade e as comunidades individuais.

Essa nova tendência de comunicação e interação social mediada por computadores transformam as práticas culturais contemporâneas e introduzem uma outra palavra-chave para compreensão das relações entre comunicação e cultura na atualidade e do potencial do webjornalismo audiovisual: convergência.

As fronteiras formais e materiais entre os suportes e as linguagens foram dissolvidas, os textos são compostos das mais diversas fontes. O celular é um exemplo da concretização desse conceito, é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, difusor de e-mails, equipamento de som e receptor de informações jornalísticas. Segundo Machado (2007: 59-69), a diferença entre os meios já não é tão evidente, os conceitos que os definem podem ser transportados de uns para outros, as práticas e as tecnologias podem ser compartilhadas, o sustentáculo econômico e o público atingido podem ser os mesmos. Sem dúvida, as novas tecnologias permitem inovação e a geração de múltiplos conteúdos simultâneos e diferentes. Já não podemos mais pensar os meios de modo isolado, mas as passagens que se operam entre a fotografia, o cinema, o vídeo e as mídias digitais são marcadas por tensões e ambigüidades. A noção de convergência pode sugerir uma integração suave e harmoniosa das formas de cultura, sem considerar as contradições que se operam dentro dela e os prejuízos causados a tudo aquilo que não se deixa hibridizar com facilidade, “numa velocidade que chega a ser predatória, pois gera excluídos, gerações incapazes de se adaptar, obsolescência tecnológica e sucateamento de acervos” (Machado, 2007: 77).

Além disso, Machado explica que as constantes fusões e mudanças tecnológicas impedem que as novas gerações passem a ter tempo suficiente para amadurecer o domínio de um meio ou técnica, tornando os novos produtos necessariamente mais superficiais e de fôlegos mais curtos. E aponta a recusa das formas unitárias ou sistemáticas, a aceitação deliberada da pluridimensionalidade, da instabilidade e da mutabilidade, como

categorias produtivas do universo da cultura e da comunicação. A consciência crítica dos efeitos das novas tecnologias, portanto, demanda uma reflexão sobre a política que a convergência pressupõe e para onde toda essa hibridização nos conduz.

Nesta década, a tecnologia digital permitiu a convergência de mídias, mas segundo Castells (2003: 135-142), a internet não se configurou como um instrumento de liberdade, tampouco se tornou uma arma de dominação unilateral. Para Castells, a internet é de fato uma tecnologia da liberdade, mas pode libertar os poderosos para oprimir os desvalorizados pelos conquistadores do valor. Nesse sentido, ele afirma que “O poder é exercido antes de tudo em torno da produção e difusão de nós culturais e conteúdos de informação”, sublinhando que a internet é um terreno contestado, onde a nova e fundamental batalha pela liberdade na Era da Informação está sendo disputada.” (Castells, 2003:138). Observamos, ainda, que a web apresenta uma dominância da língua inglesa, traduzindo o mundo em determinadas percepções e valores culturais, sustentados por mecanismos de busca e indexação bastante direcionados.

Durante palestra realizada na Escola de Comunicação da UFRJ¹, o professor Juremir Machado destacou com muita pertinência que a internet é a grande revolução tecnológica e de imaginário da nossa época, porque ela permite um tipo de contato que as pessoas desejavam e não podiam ter: o contato em tempo real. No entanto, destacou em entrevista exclusiva para o TJUFRJ² que há muita ilusão na leitura dos efeitos das novas tecnologias, porque elas ajudam a estabelecer comunicação entre as pessoas, mas não tornam a sociedade mais democrática:

¹ Palestra realizada como aula inaugural do Programa de Pós-Graduação da ECO-UFRJ, 18/04/ 2007

² Entrevista à bolsista Juliana Câmara do laboratório TJUFRJ publicada no site www.tj.ufrj.br/ na seção reportagens em vídeo

A gente imagina que realmente está com a possibilidade que pode escrever coletivamente grandes obras, que estamos definitivamente juntos, que há uma interação de um nível superior, como se vivêssemos de fato numa grande realidade, como se estivéssemos irmanados. ... Então há um discurso publicitário que hipervaloriza coisas que a internet pode ajudar a fazer, mas que ela sozinha não tem como. ... Nossa sociedade tem uma parte bastante pequena com acesso a internet, principalmente no que diz respeito ao Brasil, e mesmo que uma parte maior tivesse acesso à Internet, nem por isso a sociedade seria mais justa, mais humana, mais igualitária, mais democrática. Isso depende de fatores humanos, políticos.

Os efeitos das novas tecnologias e os fluxos globais têm sido destacados por especialistas desde os anos 80. Vivenciamos, porém, um momento singular da cibercultura, em que já podemos afirmar, conforme destaca Lemos (2004: 8), que a era da conexão não é necessariamente uma era da “comunicação”. Nesta perspectiva, o celular e o webjornalismo audiovisual podem ser vistos como formas de inclusão cultural ou não. Isso significa que as novas tecnologias não garantem, necessariamente, a valorização do conhecimento e a partilha do saber. Mas, podem ser ferramentas importantes para um comprometimento maior com o conteúdo e as formas diferenciadas de produzir e veicular as notícias. Carecemos, no entanto, de clareza sobre as funções dos profissionais no exercício do jornalismo digital, dos membros das redes e de perspectivas sobre as reais possibilidades da descentralização da produção audiovisual na internet e sobre a interatividade, outro conceito importante a ser desvelado para o desenvolvimento deste trabalho, assim como

Há diferentes tipos de interação mediadas por computador, mas o modelo teórico do processo de comunicação na web, ainda guarda para o internauta a restrição do lugar do consumidor

dos efeitos das novas tecnologias nas rotinas produtivas. Segundo Primo (2007: 17-54), interatividade é ainda um conceito impreciso. Há diferentes tipos de interação mediadas por computador, mas o modelo teórico do processo de comunicação na web, ainda guarda para o internauta a restrição do lugar do consumidor, aquém da função de receptor, capaz de ser valorizada quando o diálogo é efetivamente potencializado.

O novo modelo, então, seria: webdesigner>site>internet<usuário. Essa seria a fórmula chamada “interatividade”. Mesmo se podendo reconhecer o avanço dessa formulação em contraste com o tradicional modelo informacional e massivo, é preciso denunciar a deficiência da proposta. Mantém-se ainda a polarização e a supremacia de uma extremo, que tem o privilégio de se manifestar, enquanto a outra ponta ainda é reduzida ao consumo, mesmo que agora possa escolher e buscar o que quer consumir. (Primo, 2007: 11)

Indagamos até que ponto a conexão e a convergência, já em parte domada pelos grandes grupos de comunicação, podem ser utilizados para desenvolver linguagens e conteúdos jornalísticos de maior qualidade, capazes de incorporar a pluralidade de interpretações, e mais comprometidos com a responsabilidade social, colaborando para a reconstrução de uma sociedade mais democrática e descentralizada. Estaríamos diante de novas mídias e suportes que simplesmente repetem os modelos de construção de notícias já testados em outras mídias? Quais os desafios que os profissionais do jornalismo enfrentam por conta das mudanças provocadas pelos efeitos das tecnologias digitais, especialmente no tratamento da informação

audiovisual? Antes de tentar responder essas questões, precisamos compreender melhor o valor da internet.

A estrela sobe, sem parar

Não há como abordar o papel que as novas tecnologias desempenham no jornalismo sem dedicar uma parte do trabalho à internet. A rede surgiu por uma criação dos militares norte-americanos na década de 60. Sob o nome de Arpanet, tinha como objetivo integrar centros de pesquisa e instalações militares. Começou conectando dez computadores e viu seu crescimento apenas na década de 90, com a criação e popularização de navegadores com interfaces que facilitavam os usuários. Atualmente, a abrangência da internet é impressionante. Criada no século XX, a estrela sobe, e sem parar, neste novo milênio. Um estudo realizado pela empresa de pesquisas de mercado Score Networks³ e publicado na *Folha de S. Paulo* em 7 de março de 2007, calculou que 747 milhões de pessoas com mais de 15 anos utilizaram a internet no mundo em janeiro de 2007. Isso significa um aumento de 10% em relação a janeiro do ano anterior. Os Estados Unidos lideram o *ranking*, com mais de 151 milhões de usuários, muito embora o aumento registrado tenha sido de apenas 10%. A China vem em segundo lugar, com pouco mais de 80 milhões. Isso quer dizer que mais de 15% da população mundial tem acesso diário à rede mundial de computadores. É, portanto, ainda uma tecnologia que exclui significativa parcela da população da Terra. Mas, já se observa, aos poucos, uma modificação nesta tendência. O número de internautas nos países em desenvolvimento aumentou 40%, três vezes mais que nos países desenvolvidos.

No Brasil, segundo dados da 2ª Pesquisa sobre uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação no Brasil (TIC 2006), realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, publicados no Yahoo em 14 de novembro de 2006⁴, 20% dos brasileiros, cerca de 37 milhões, têm computador em casa. O número de internautas é ainda menor: apenas 22,1 milhões de pessoas acessam a internet a partir de suas próprias residências, segundo dados fornecidos pelo IBOPE e amplamente divulgados. E apenas 12,93% dos lares brasileiros têm acesso à internet, concentrados principalmente nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, que respondem por perto de 50% desse total. Segundo dados da pesquisa realizada pela consultora norte-americana Score Networks⁵, o Brasil ocupa a décima primeira posição mundial no número total de internautas.

De acordo com os dados do Mapa das Desigualdades Digitais do Brasil, divulgado pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla)⁶, é nas residências de moradores do Distrito Federal que está a maioria (31,1%) dos computadores conectados à internet no país. O Distrito Federal também é a unidade da federação onde a população mais utiliza a rede mundial: 41,1%. Já no estado do Maranhão, cerca de 2% dos lares estão conectados e é de 7,7% a parcela de moradores que usam a rede, seja dentro de casa, em centros públicos ou escolas. O trabalho, realizado com apoio do Ministério da Educação, relacionou às desigualdades fatores socioeconômicos como renda, raça e oferta de postos de acesso público. Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2005, o estudo aponta que no grupo de menor renda da população

³ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21763.shtml>

⁴ <http://br.news.yahoo.com>

⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21758.shtml>

⁶ <http://mercadoetico.terra.com.br/noticias.view.php?id=913>
Envolverde/Agência Brasil

uma parcela de 0,8% possui internet em casa. Já entre a população mais rica sobe para 56,3% o percentual de casas com acesso à rede – “uma diferença de 7.600%”, segundo a pesquisa. Ainda de acordo com o estudo, cerca de 28% da população brasileira autodeclarada branca na Pnad utilizam a internet, de maneira geral – mais que o dobro dos 13,3% da população negra. “Tais brechas nada mais são que uma nova forma de manifestação das tradicionais diferenças e divisões existentes em nossas sociedades e no mundo, novas formas de exclusão, que reproduzem e reforçam diferenças pré-existentes”, aponta a pesquisa, ao reiterar que o acesso às tecnologias da informação estimula o enriquecimento cultural e a melhoria da educação. Os números ainda são contraditórios e imprecisos. O *Datafolha*⁷, por exemplo, aponta que mais de 50 milhões de brasileiros acima de 16 anos têm acesso à rede.

Esses dados mostram que a internet está ainda muito longe de alcançar parcela significativa da população brasileira, ainda que a porcentagem de usuários brasileiros corresponda à porcentagem de usuários ao redor do mundo. Embora os números de internautas venham crescendo bastante nos últimos anos e o Brasil seja o primeiro colocado em quantidade de internautas na América Latina, o contingente de analfabetos digitais ainda responde, seguramente, por mais que a metade de todos os brasileiros. Portanto, não se pode estudar os efeitos e transformações que a convergência das mídias pode causar sem levar em conta tais estatísticas, que de certa forma limitam os resultados. Em um país como o nosso, com uma população imensa e que figura em várias estatísticas entre os que possuem maiores desigualdades sociais em todo o mundo, o acesso à tecnologia e a possibilidade de sua apropriação é fator prepon-

derante, até porque boa parte das publicações cibernéticas estão sob controle de grandes corporações midiáticas convencionais.

Mudanças nas rotinas produtivas

Atualmente, a rede mundial de computadores desempenha um duplo papel. Funciona, ao mesmo tempo, como fonte e veículo de comunicação, modificando a relação entre produção e recepção dos tradicionais veículos de comunicação e exigindo dos jornalistas uma ampla consciência de seu trabalho, para evitar que o excesso de dados disponíveis não acabe gerando notícias redundantes e pouco apuradas, seguindo os comandos copiar e colar, até porque os profissionais das diversas áreas do jornalismo agora possuem novas atribuições. A busca da instantaneidade da publicação da notícia altera, por exemplo, o trabalho do repórter, que era responsável por apenas uma etapa dessa cadeia produtiva:

Eis que surgem as figuras do “produtor de notícias”, do “gerente de informação” e do “editor multimídia” na web: a grande diferença do novo processo digital está no fato de que os meios de produção foram parar totalmente nas mãos do jornalista – em geral um jornalista jovem, recém-formado, com facilidade para lidar com softwares, mas pouca experiência para tratar da informação. ...sem nenhum filtro aparente ou editores que desempenham o papel de revisão e edição. Ocorre então uma pressa que passa por desleixo, com a publicação de dados errados ou imprecisos em português sofrível. (Ferrari, 2007: 15-16)

Os jornalistas tendem a ser autônomos e a ser considerados como produtores de conteúdos multimídia. Além disso, o desenho das redações tem sido alterado, as quais tendem

⁷ <http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/07/30/numero-de-brasileiros-na-web-pode-ser-muito-maior/>

a tornar-se descentralizadas. Em um mundo em que as palavras de ordem são tempo real e interatividade, o webjornalista precisa manter-se constantemente conectado à rede, buscando e trocando informações, mas não necessariamente no espaço físico da redação. Os programas de edição simultânea se popularizam, permitindo maior interação entre os profissionais de uma redação, mesmo que estejam separados por quilômetros de distância. Além disso, como muitos dos sites se originaram a partir de jornais impressos, os jornalistas agora têm de trabalhar com vários em vez de apenas um horário de fechamento, como estavam acostumados. Até mesmo as cinco perguntas básicas do *lead* já não são respondidas de uma única vez, porque o repórter que começa a trabalhar na web aprende que deverá começar a “enxugar” e hierarquizar as informações, selecionado qual dessas perguntas irá responder com prioridade, quando começa a construir a primeira notícia sobre um determinado fato, ainda que a matéria seja, posteriormente, atualizada e ganhe a forma final com mais ou menos cinco parágrafos, inserindo referências diferenciadas sobre o contexto do acontecimento.

A capacidade de selecionar e transformar informação em conhecimento é o principal desafio dos jornalistas que trabalham com tecnologia digital, aliás um desafio enfrentado também pelos internautas. A multiplicação acelerada de informações através da tecnologia digitais, causada basicamente pelas inúmeras opções de sites que podem ser utilizados como fonte para uma matéria qualquer, requisita cada vez mais profissionais aptos a desenvolver conteúdo de qualidade, capazes de agregar informações consistentes às notícias. Isso porque, no mundo

**A multiplicação
acelerada de
informações
através das
tecnologias
digitais requisita
cada vez mais
profissionais aptos
a desenvolver
conteúdo de
qualidade, capazes
de agregar
informações
consistentes às
notícias**

cibernético, em que praticamente qualquer pessoa pode escrever sobre os mais variados assuntos, a qualidade da informação jornalística está exatamente na capacidade dos profissionais de imprensa saberem abordar e apurar o fato, aplicando as ferramentas da interpretação e da criatividade, selecionando as informações, cruzando dados e outros saberes, trabalhando o estilo de texto, explicitando as fontes, produzindo caminhos originais de navegação entre as páginas, explorando qual é a melhor maneira de contar uma história em telas de hipertexto, ligadas entre si pelos hiperlinks. Os profissionais precisam ser competentes na construção da notícia e no menor espaço de tempo possível, uma vez que, entre os megaportais de notícias, trinta segundos fazem uma grande diferença. Em alguns casos, no entanto, o exagero da síntese, que tende a tornar o relato do acontecimento superficial, é alterada nas horas seguintes à publicação da matéria. Esta é uma característica singular do trabalho do jornalismo on-line. É que, diferentemente do que ocorre em publicações impressas, o trabalho não acaba quando a matéria vai ao ar. Na maioria das vezes, ele só está começando, já que depois de ir ao ar no menor tempo possível, cumprindo a dívida instantaneidade, a matéria tem que ser corrigida, sofrer ampliações, não raramente alterações, bem como precisa ser linkada com assuntos correlatos.

A internet, porém, ainda não dispõe de funções nem de características narrativas totalmente definidas, apropriando-se da linguagem de outros veículos para a difusão de textos, sons e imagens. Repetem-se, portanto, nas edições on-line, alguns dos mesmos erros da mídia impressa e eletrônica, potencializados pela corrida contra o tempo.

A padronização dos textos e assuntos corrobora esta idéia. No que diz respeito à matéria jornalística em si, as informações são pouco aprofundadas, geralmente baseadas em apenas uma fonte, muitas vezes as assessorias de comunicação, cujos textos são publicados na íntegra. A intensa preocupação com a instantaneidade, a lucratividade e a política tendem a limitar os conteúdos veiculados. Conforme explica Machado (2003: 126), não devemos perder de vista a incorporação de sistemas descentralizados e a busca da diversidade e da pluralidade nas representações jornalísticas dos fatos, especialmente na web. Sem dúvida, o trabalho com informações exclusivas, a apuração dos conteúdos e fontes distintas garantem a qualidade da informação jornalística. Assumimos que o termo qualidade pode englobar vários significados. Pode estar referido à capacidade de usar bem recursos tecnológicos e de linguagem; de detectar demandas da audiência e transformá-las em produtos; de usar recursos pedagógicos; de poder gerar mobilização; de valorizar as diferenças; ou de aglutinar uma diversidade de oportunidades para o mais amplo leque de experiências distintas, mas, acima de tudo, de ser bem fundamentado e inserido num determinado contexto histórico e cultural, para que o trabalho jornalístico continue sendo prestigiado na formação da opinião pública.

O desenvolvimento tecnológico e as experiências sociais, inclusive, já reivindicam outros enfoques, tratamentos, seleções e exposições da informação noticiosa que chamamos aqui, conforme explica Herreros (2003: 182), de uma nova pedagogia da informação jornalística, menos orientada para a transmissão de conteúdos e mais dedicada a um domínio de métodos e técnicas que permitam aos

A acessibilidade às novas tecnologias deve ser implementada para consolidação da interatividade, incrementando a possibilidade de utilização da web para promoção do jornalismo como forma de conhecimento

usuários e aos consumidores aprender a saber, a identificar e a selecionar a informação necessária, mediante a correlação e contraste de dados para superar a escassez da reflexão crítica. Nesse sentido, o aproveitamento do potencial do jornalismo na web demanda um questionamento sobre as atuais possibilidades de interação, especialmente aquelas relativas à produção e à distribuição de conteúdos audiovisuais.

Webjornalismo audiovisual: um nome sem sobrenome

Reconhecendo a importância da comunicação e dos meios para a democratização e descentralização do conhecimento, revela-se a necessidade de oferecer aos internautas um domínio relativo das ferramentas da tecnologia digital, promovendo outras relações entre a produção e a recepção. Assumindo que os sentidos das mensagens audiovisuais, inclusive das notícias, são resultantes das interações da audiência com os meios e que o receptor é um produtor de sentidos do cotidiano, a acessibilidade às novas tecnologias deve ser implementada para consolidação da interatividade, incrementando a possibilidade de utilização da web para promoção do jornalismo como forma de conhecimento, facilitando uma visão panorâmica e aberta das realidades sociais, ainda que os profissionais estejam sempre pressionados pelo limite de tempo para publicação das notícias, garantindo a atualidade das informações, característica inerente dos discursos jornalísticos.

O webjornalismo audiovisual experimenta os primeiros passos em direção a uma gramática própria, que tende a consolidar, através de conteúdos jornalísticos audiovisuais especialmente produzidos para a web, e experimentando novas formas de narrativa

com recursos multimídia e de interatividade, que permitem ao internauta entrar, navegar e percorrer um relato noticioso mais do que simplesmente acompanhá-lo de modo linear. E os avanços tecnológicos já oferecem esta possibilidade.

Entretanto, por causa da exigência de rapidez e de instantaneidade, jornalistas e webdesigners correm o risco de repetir conteúdos e formatos, produzindo telas padrão e formas fechadas de apuração, atualização e diagramação na publicação de notícias. A interatividade pressupõe a oportunidade do internauta de explorar o potencial da convergência midiática na elaboração de novos conteúdos e informações audiovisuais complementares. O exercício de um webjornalismo de maior qualidade implica investir na evolução do texto, compreendendo que uma notícia importante é, como explica Ferrari, uma árvore informativa, que deve estar sempre atualizada e atrair o leitor para navegar por outros aspectos importantes: “é importante dar notícias laterais, o que chamo de “galhos” dessa árvore informativa – mas que sempre deverão estar coligados com o tronco. Isso pode ser feito por hiperlinks, por textos consolidados e até recursos multimídia, como áudio e vídeo” (Ferrari, 2007: 20).

Os recursos que a internet propicia ainda são pouco explorados porque os sites investem prioritariamente na informação escrita. A associação entre texto e imagem na televisão sugere os temas que os telespectadores devem pensar, os conteúdos a serem excluídos do seu conhecimento e os fatos e as pessoas a serem valorizados. A produção das informações jornalísticas na web não funciona de modo diferente, embora o internauta tenha uma autonomia maior do que o telespectador, por causa de algumas possibilidades de

O exercício de um webjornalismo de maior qualidade implica investir na evolução do texto, compreendendo que uma notícia importante é uma árvore informativa

seleção e escolha de conteúdos, proporcionadas pela tecnologia digital. Contaminadas por conceitos como hibridização, como já nos referimos, há ainda muitas experiências a serem realizadas no aproveitamento das novas tecnologias de informação, porque, como explica Machado (2007: 69-70), as imagens agora são mestiças, são compostas de fontes as mais diversas, cada plano é um híbrido, tamanha é a mistura, a sobreposição, o empilhamento de procedimentos diversos.

O custo de produção e distribuição de conteúdos audiovisuais colabora para limitar o investimento na elaboração de novas combinações entre texto e imagem. E o acesso as notícias de vídeo, em comparação com aquelas apenas em formato texto, dependem de conexões em banda larga, bem como de programas que rodem os formatos audiovisuais. A proliferação dos grandes portais e o maior número de recursos que eles empregam a cada dia para atrair os internautas, porém, é a prova de que esta é a mídia não mais do futuro, mas de um presente que começou há pouco mais de dez anos e e cujos efeitos ainda não podem ser plenamente mensurados, embora os dados revelam estatísticas de crescimento significativo.

No Brasil, os mais antigos portais de informação têm cerca de uma década de existência. A princípio, as notícias eram em formato somente de texto. Aos poucos, a intertextualidade veio sendo incorporada, com o link para assuntos correlatos produzidos pelo mesmo site. Atualmente, os portais de notícia buscam uma linguagem própria. Há alguns anos, a informação ganhou, em complementaridade ao texto, imagem e som. Hoje em dia há muitos sites que aproveitam o audiovisual na transmissão de notícias. Uma rápida navegação pelos principais portais

brasileiros da internet é suficiente para perceber que o papel do webjornalismo audiovisual difere um pouco entre eles. Mas, não é utilizado para contar histórias do cotidiano de outras maneiras, tampouco observa-se um investimento expressivo na interatividade. A maioria dos sites reproduz conteúdos da emissoras de televisão aberta ou por assinatura. Aqueles que mantêm produção própria não oferecem notícias audiovisuais com regularidade. E ainda é preciso pagar para acompanhar as transmissões ao vivo.

O G1, por exemplo, foi lançado em setembro de 2006 e destina-se a ser o portal de notícias das Organizações Globo. O objetivo do site é reunir as produções da TV Globo, Globonews, todas as afiliadas, CBN, Rádio Globo, jornal *O Globo* etc. Dessa forma, o grande diferencial do portal é o conteúdo completo que ele disponibiliza. Os vídeos estão em sua maioria associados a matérias – o internauta lê o texto e consome o vídeo na mesma janela da matéria. Outro grande diferencial do G1 é que o vídeo fica embeded na página, isto é, como se fosse uma fotografia, dispensando a necessidade de clicar em um link para assisti-lo. A produção audiovisual das Organizações Globo que está na internet fica armazenada e organizada nas páginas do *Globovídeos* (portal de vídeos da Globo.com, antigo Globo Media Center). Todos os telejornais da TV Globo têm uma quota diária de nove VTs abertos (com acesso gratuito). Os sons e imagens são transcodificados (do formato de TV para o formato web) e cadastrados no *GloboVídeos* por uma equipe de *webmedia* contratada especialmente para esse fim. Já o conteúdo de acesso pago, para assinantes, compreende todos os blocos dos telejornais, ou seja, os programas na íntegra. A função do G1 é justamente condensar esse material.

O webjornalismo audiovisual não é utilizado para contar histórias do cotidiano de outras maneiras, tampouco observa-se um investimento expressivo na interatividade

Dessa forma, o portal não produz vídeos; o site aproveita as imagens das Organizações Globo e até mesmo de algumas agências de notícia. Observamos, portanto, que não há novos conteúdos especialmente produzidos para o portal, inserido na segunda geração de Mosaicos Digitais de Notícias (MDN) – “uma interface digital que dispõe e organiza informações jornalísticas na tela do computador, o que corresponde ao desenho fragmentado das páginas iniciais de uma emissora de TV on-line ou de um produto jornalístico audiovisual na web”, conforme esse conceito é trabalhado por Nogueira (2007: 32-35).

A pesquisadora divide O MDN em duas gerações. Na primeira, chamada contemplativa, os mosaicos funcionam apenas como uma repetição do formato utilizado na televisão. Não há produção de material exclusivo para a internet e a maior parte dos textos destina-se a promover a programação televisiva. O usuário está limitado a assistir apenas ao material disponível, sem pesquisar outras edições do mesmo programa e tampouco de ver a TV ao vivo. Na segunda geração, nomeada participativa, os Mosaicos Digitais de Notícias permitem uma maior participação do internauta através de ferramentas de busca, banco de dados, enquetes, fóruns, chats, envio de matérias por e-mail e ainda oferecem a possibilidade de assistir a alguns programas ao vivo. Uma terceira fase, a construtiva, ainda em elaboração, ofereceria a personalização do conteúdo audiovisual, ou seja, os MDNs desta geração, além de possuírem todas as características presentes nas anteriores ofereceriam ao internauta a oportunidade de montar seu próprio noticiário audiovisual, através de ferramentas específicas. A ordem de exibição das reportagens selecionadas poderia ser definida pelo receptor e alterada a qualquer momento.

Existiria também a possibilidade de armazenamento da seqüência para uma exibição posterior, caso fosse necessário interromper a reprodução.

O webjornalismo audiovisual, no entanto, ainda segundo Nogueira (2007: 42-48), começa a se diferenciar dos noticiários televisivos. O usuário não fica preso a uma grade de programação estabelecida pela emissora que transmite o sinal porque tem autonomia para escolher o melhor momento para assistir cada programa. A cada acesso, o percurso de leitura pode ser diferente. Os textos são dispostos em camadas e conectados através de links ou bases de dados, possibilitando que a navegação nunca tenha o mesmo começo e o mesmo fim. As especificidades inerentes aos aparatos que constituem as redes telemáticas funcionam como uma alternativa capaz de afastar o webjornalismo audiovisual da características narrativas do telejornalismo televisivo, lançando novas funções nas rotinas produtivas. O narrador em hipermídia, por exemplo, seria aquele que, além das funções do editor profissional, incorporaria a roteirização e a modelagem das informações para o ciberespaço, proporcionando compreensão mais ampla e contextualizada do fato, agregando à notícia uma outra dimensão, com formas mais ou menos complexas, explorando a interface digital que pode ao mesmo tempo gerar, armazenar, recuperar, processar, transmitir, receber e interpretar a informação.

O maior desafio do webjornalismo audiovisual, portanto, é a possibilidade de compilar todas as informações em um sistema comum, de modo criativo, processando-as em velocidade e capacidades cada vez maiores e com custo cada vez mais reduzido, promovendo novas abordagens dos fatos sociais, durante

**A capacidade de
saber pensar e
fazer a notícia,
de elaborar e
cruzar conteúdos
diversos, de
saber construir
e selecionar
a informação,
talvez, nunca
tenha sido tão
essencial**

o processo de transformação dos mesmos em notícias ou acontecimentos, e ampliando a participação dos internautas neste processo.

Considerações finais

Não restam dúvidas, no entanto, de que a internet busca estabelecer linguagens próprias a partir da convergência das mídias, da união dos recursos infinitos de arquivos com a transmissão de informação em tempo real, e com as possibilidades inéditas de interatividade e de combinar texto e imagem. Cada novo invento implica o desenvolvimento de novas linguagens e modifica a profissão do jornalista e suas práticas, que passa a criar novas formas de mostrar o mundo, a vida social e suas contradições, na construção das notícias.

Cabe aos jornalistas e aos formadores de opinião, professores e pesquisadores, se anteciparem, tanto quanto possível, aos novos tempos. Fazer uma reciclagem do tipo inclusiva, que acrescente às habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de novas práticas, promovendo maior acessibilidade às novas tecnologias e reflexões sobre os seus efeitos e possibilidade de uso e apropriação na atualidade. As melhores perspectivas de relação entre as novas tecnologias e o jornalismo no exercício profissional e nas escolas de comunicação dependem da competência de planejar, apurar, redigir, publicar e ler as reportagens e a realidade social, utilizando a internet e a convergência midiática como ferramentas cotidianas para produção de conteúdos, operando e dominando as novas técnicas com o olhar crítico da contemporaneidade e promovendo maior interatividade, enfim, mais conhecimentos. A formação dos futuros profissionais, a capacidade

de saber pensar e fazer a notícia, de elaborar e cruzar conteúdos diversos, de saber construir e selecionar a informação, talvez, nunca tenham sido tão essenciais.

Observamos, ainda, que a tecnologia não garante um jornalismo de qualidade e que as facilidades técnicas e a corrida contra o tempo podem comprometer a apuração dos fatos. Afinal, quantidade de informação não significa qualidade da informação. O jornalismo é uma forma de conhecimento e depende antes de mais nada do compromisso do jornalista consigo mesmo e com a sociedade, com um exercício da profissão comprometido com os valores éticos e o interesse público. Entre o momento em que a notícia surge e o momento em que chega ao receptor, o intervalo de tempo é quase inexistente. As mudanças das relações entre tempo e espaço provocadas pelas novas tecnologias, porém, não geraram maior reflexão e solidariedade entre os povos, embora tenha possibilitado a criação de novas redes e mediações. Como personagens e testemunhas da Revolução da Informação, não devemos nos esquecer que toda a tecnologia é um meio para se chegar a um fim, nunca o fim em si.

“Qualquer coisa, a qualquer hora, em qualquer lugar.” Há pouco mais de dez anos Negroponte já dizia que deveríamos suspeitar desse QQQ, uma espécie de poema à mobilidade moderna ou um paradigma para as telecomunicações; uma abordagem ainda sedutora para refletir sobre os efeitos das novas tecnologias da comunicação na atualidade. Incorporamos, porém, algumas desconfiças sobre esse processo. Já temos acesso a uma ampla gama de programas à disposição na web, sem quaisquer barreiras geográficas. Ainda enfrentamos, porém, o desafio maior de lidar com essa variedade de opções

de entretenimento e informação. A superestrada da informação é mais do que um atalho para busca de dados e acervos, cria um tecido social inteiramente novo e global, e, certamente, requer tratamentos de informações e notícias diferenciados. Não precisamos amar ou desconsiderar as mudanças provocadas pela era digital, mas é necessário repensar a função do jornalismo na contemporaneidade, em que a arte, a ciência e a tecnologia estão cada vez mais imbricadas, expandindo e transformando com muita rapidez, e de maneira expressiva, o campo de atuação dos jornalistas.

Sobre os autores

*Beatriz Becker, doutora pela PUC/SP, professora da Escola de Comunicação da UFRJ.
e-mail: beatrizbecker@uol.com.br*

Marcos Henrique Lima, bolsista PIBIC da Escola de Comunicação da UFRJ.

Referências

- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FERRARI, Pollyana. (org.) *Hipertexto Hipermissão, as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007.
- HERREROS, Mariano Cebrián. *Información Televisiva*. Madrid: Síntesis, 2003.
- LEMONS, André (org). *Comunicaciones Móviles*, in *Razón y Palabra*, n. 41, Oct/Nov, 2004. México. <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemon.html>;
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003.

- _____. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MACHADO, Elias. *Ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NOGUEIRA, Leila. *O web Jornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TVUERJ on-line*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, 2005.
- PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RINCÓN, Omar. In: Lutando por uma televisão melhor, Entrevista a João Freire Filho, *ECO - PÓS* -publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, v.7, n.1, Rio de Janeiro: E- papers Serviços Editoriais Ltda., 2004. p.113-125